

álbum com as partituras e as estampas, mas sem o disco. Cumpre informar aos eventuais interessados nesse precioso documento da música brasileira que as sete pequenas peças foram recentemente gravadas pela pianista Clara Sverner, mas infelizmente sem o álbum com as belíssimas estampas de Martinet e sem as partituras. ONM

*

O ÁLBUM DE MÚSICA DE ROSSINI

Com a grande ópera **Guilherme Tell**, de 1829, Rossini praticamente encerrou sua carreira de compositor. E no entanto viveu ainda quarenta anos! Muita tinta tem sido gasta para explicar o “misterioso silêncio” do grande compositor. Não há mistério algum. Rossini – sabem-no todos os que têm algum conhecimento da história da ópera – foi um dos mais prolíficos autores daquele período de transição do classicismo para o romantismo, representado pelos últimos anos do século XVIII e pelos primeiros do XIX. Era a época em que predominava a ópera **buffa** (cômica), campo em que Rossini sentia-se bem à vontade, por estar bem de acordo com o seu temperamento. De fato, ao compor **O Barbeiro de Servilha**, em 1816, (certamente a mais perfeita de quantas óperas cômicas foram escritas), tinha já Rossini em sua bagagem mais de dez óperas no gênero “buffo”, destacando-se, dentre elas, **La Cambiale di Matrimonio**, **L'inganno felice**, **La Scala di Seta**, **Il Signor Bruschino**, **Il Cambio della Valigia**, **L'Italiana in Algeri** e **Il Turco in Italia**.

Com o advento do romantismo, a ópera cômica foi perdendo terreno para a ópera séria, aquela que explorava os sentimentos e as emoções, chegando ao drama e até à tragédia. Que Rossini era capaz de compor óperas no gênero “sério”, provam-no, entre outras, **Semiramis**, **Moisés**, **Tancredi** e **Guilherme Tell**, que veio a ser, de fato, sua última ópera. Mas a ópera séria não era o seu forte. E antes que sua obra redundasse nos dramalhões que freqüentemente surgiam na época romântica, preferiu retirar-se, antes que decaísse. Soube, portanto, retirar-se na hora propícia, o que, infelizmente, nem todos sabem fazer. E viveu, como já se disse, mais quarenta anos, sempre em Paris, participando ativamente da vida artística e social da capital francesa. Dessa época datam apenas algumas peças para piano, poucas e imprecisas, algumas sonatas para cordas, bonitas mas sem originalidade e a “missa solene”, realmente sua última composição, mas que traduz pequena vivência, nada convincente, com a música sacra.

Em março de 1835, teve Rossini um gesto de extrema delicadeza: ofereceu a uma distinta jovem da sociedade parisiense, Mademoiselle Louise Carlier, um álbum com dezessete canções,

especialmente compostas para esta finalidade, por alguns dos mais expressivos compositores que então viviam na capital francesa, e que foram convidados por Rossini para colaborarem nesse delicado mimo oferecido à filha de conhecido empresário, a quem o compositor, provavelmente, devia favores. A suposição é minha. O fato é que o rico álbum com lindos cursivos caligraficamente desenhados na capa, deve ter constituído motivo de orgulho para a jovem mimoseada com tão excepcional presente.

Além do próprio Rossini, que compareceu com uma “arietta” sobre texto de Metastasio (*Mi lagnerò tacendo*) colaboraram no álbum: Bellini, com a cavatina *Dolente imagine*; Ferdinando Paer, com *Romance*; Edouard Bruguère, com a “ronde villageoise” intitulada *Le printemps arrive*; Auguste Panseron, com a romança *Il n’aurait pas dû venir*; Tadolini, com a pequena ária *Como è soave a l’anima*; Michele Costa, com *Trova um sol, mia bella Clori*; excerto de um poema de Metastasio; Marco Aurélio Marliani, com a baracarola *La gita in gondola*; Saverio Mercadante, com *Aure amiche*; Francesco Morlacchi, com *La rosa appasita*; romança em forma de elegia; Meyerbeer, com a ária *Soave l’istante*; Henri Berton, com *Air de trois notes*; a compositora (coisa rara!) Louise Angélique Bertin, com uma canção de ninar; Cherubini, com uma “arietta”, também de Metastasio; Spontini, com a balada *L’adieu*; o inglês Onslow (que vivia em Paris), com *Le Dante dans le Paradis*; Gordigliani, com uma canção popular toscana; e, encerrando, Antonio Bazzini, com uma canção, também de inspiração popular. Muitos destes nomes estão hoje completamente esquecidos. Deles, talvez apenas Bellini, Cherubini e o próprio Rossini são lembrados, com obras freqüentes nos “cartelloni” dos teatros líricos europeus; alguns outros são conhecidos apenas dos discófilos, pois algumas de suas obras fizeram jús a gravações; e de outros, nem isto se poderá dizer.

Certa ocasião, creio que lá por 1950, um colecionador de curiosidades musicais, Natale Gallini, de Milão, adquiriu num antiquário o famoso álbum de Rossini e consentiu em divulgá-lo. Foi quando a Columbia Broadcasting System, através da etiqueta *Epic*, procedeu à gravação integral do álbum oferecido à Mlle. Carlier. Da interpretação das canções, incumbiu-se o grande soprano Suzanne Danco, acompanhada ao piano por Molinari-Pradelli. Disco hoje de extrema raridade, que seus felizes possuidores guardam ciosamente e que me apráz recordá-lo neste ano em que se comemora o sesquicentenário da bela iniciativa de Rossini.

ONM